

REVISTA OFICIAL DA ORQUIDÁRIO



Orquidário

Volume 14 - n° 1



Orquidário

Volume 14 • nº 1

Comissão Editorial:

Carlos Ivan da Silva Siqueira, Carlos Eduardo Martins Carvalho, Maria da Penha K. Fagnani, Raimundo A. E. Mesquita e Waldemar Scheliga

Editor:

Carlos A. A. de Gouveia

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da *OrquidaRio*.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial, datilografados em uma só face de papel formato A4, em espaço duplo ou em disquete, com cópia impressa, gravado num dos seguintes editores de texto: PageMaker, Word ou qualquer aplicativo compatível com o Windows 95.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que os tenha solicitado e remetido os selos para postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista de rejeitar sem explicação de motivos.

O título *Orquidário* é de propriedade de *OrquidaRio* e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, fotografia ou desenho publicado sem indicação de reserva de direito autoral (c) pode ser reproduzido para fins não comerciais, desde que se cite a origem e se identifiquem os autores.

Correspondência:

Deve ser dirigida à *OrquidaRio*,
Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 428
Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000
Tel.: (0xx21) 233-2314 - Fax: (0xx21) 518-6168
E-mail: orquidario@orquidario.com.br
Internet: www.orquidario.com.br

Projeto gráfico e diagramação:

JLS Editoração Eletrônica - Telefax: 283-1569

Impressão: Impressora Stampa



Revista trimestral publicada pela OrquidaRio

ISSN 0130-6750

▼ Diretoria - Biênio 1999/ 2000

Presidente: Paulo Damaso Peres

Vice-Presidente: José Luiz Bartolo

Diretor de Área Técnica: Roland Brooks Cooke

Diretor de Área de Relações Comunitárias:

Marta Guglielmi

Diretor da Área Administrativo-Financeiro:

Mario Karpinskas

Coordenadores:

Exposição: Marlene Paiva Valim

Comunicação: Carlos A. A. de Gouveia

Administrativo: Sylvio Rodrigues Pereira

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Carlos Eduardo Martins Carvalho

Biblioteca: Sylvio Rodrigues Pereira

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani

Sócios: Alexandre Cruz de Mesquita

Secretária da Diretoria: Nilce Carlos

▼ Presidentes Anteriores:

1- Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2 - Álvaro Pessoa, 1987/1990

3 - Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994

4 - Hans O. J. Frank, 1994/1996

5 - Carlos A. A. de Gouveia, 1997/1998

▼ Conselho Deliberativo - 1999/ 2000

Membros: Antonio Clarindo Rodrigues, Hans O. J. Frank, Mauricio Verboonen, Carlos Ivan da Silva Siqueira e José Lousada

Preços / Rates	1 ano/ 1 year	2 anos/ 2 years	3 anos/ 3 years
Filiação e contribuição anual	R\$ 60,00	R\$ 110,00	R\$ 160,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40	US\$ 70	US\$ 110

Via aérea, acrescentar R\$ 20,00/ano - By air mail, US\$ 20 per year

Editorial 2

Aranda - 15 anos
trazendo até você a nossa
paixão por orquídeas 3

Por Roberto Agnes

O gênero *Oncidium* no Brasil

Por Kátia Senghas

Tradução: Waldemar Scheliga 7

Livro Tombo n.º
Obra n.º

Híbridos de *Catasetinae*

Por Álvaro Pereira 13

Um novo híbrido natural:
Brassocattleya x fregoniana

Por Lou Menezes 16

***Ornithocephalus myrticola* Lindl.**

Por Maria da Penha K. Fagnani 18

Cattleyas bifoliadas
do Estado do Espírito Santo

Por Érico Machado de Freitas 21

Planta da capa:

O *Catasetum* João Stivalli é um dos mais marcantes cruzamentos de *Catasetinae*, com inúmeras variações de cor. Aqui temos um vinicolor, maravilhoso, que ilustra artigo de Álvaro Pereira sobre a nova febre de híbridos de *Catasetum* e gêneros afins.

Foto e cultivo: Altamir Soares

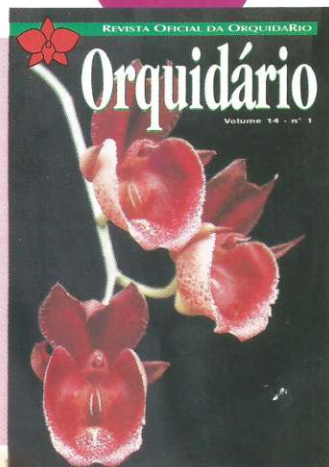


Seedling produzido pela Aranda,
florindo pela primeira vez

Aclimação de mudas
retiradas de frascos 24

Por Antonio Maria Cais Freschi

Capa



É, chegamos ao ano 2000, conta redonda e cheia de expectativas. 2000 sempre recheou o imaginário das gerações que viveram este último século do milênio. A acelerada evolução tecnológica dos 50 anos só fez agudizar a futurologia e a curiosidade sobre as "maravilhas" e os "milagres" que viveríamos nestes anos começados por dois milhares.

Talvez a realidade do futuro enfim presente não tenha o charme da ficção, mas estamos lá e a **OrquidaRio** vive, sem dúvida, novos tempos. Do pioneirismo dos primeiros tempos, quando 33 sonhadores se aventuraram a fundar uma associação que parecia ter tudo para não ter vida longa, das sedes provisórias, da Revista que teimava em não acabar apesar dos contratempos, das pequenas exposições - pequenas, mas inovadoras - e mesmo em uma conjuntura em que tudo encolhia, a **OrquidaRio** teimava em crescer. Contra todas as previsões, fomos

enfrentando os desafios e indo em frente. Salvamos o patrimônio da saudosa SBO e a trouxemos para dentro do nosso seio, reconciliando a família orquidófila com nossa fusão; hoje dispomos de sede própria (está linda, apareça para conferir), boletim mensal, Internet, biblioteca sempre em expansão, passeios regulares e muitos planos. Ao contrário do profetizado nos anos 70, para nós o sonho continua...

Neste raiar do novo século/milênio, à **OrquidaRio** só resta uma alternativa - crescer ou crescer. Está posto o desafio, dobrar nosso quadro social até o ano 2001. Cada sócio tem seu repto, trazer pelo menos mais um para nosso convívio, recuperar um sócio que se afastou, participar deste esforço que é de todos.

Carlos Antonio Akselrud de Gouveia
Editor

 CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Capa: *Catasetum João Stivalii* - Altamir Soares

Índice: *Seedling Aranda* - Roberto Agnes

Págs. 3 a 6: *Phapiopedilum*, *Vanda Bangsai Queen*, *Phalaenopsis* e *Grupo de Phalaenopsis* (Lippefeuer x Zuma Plum) - Roberto Agnes

Págs. 7 a 12: *Oncidium duvenii*, *Oncidium jonesianum*, *Oncidium scansor*, *Oncidium remotifolium*, *Oncidium dasyle*, *Oncidium planilabre*, *Oncidium donianum* - Karlheinz Senghas

Págs. 13 a 15: *Catasetum spitzii*, *Ctsm Henry Turner*, *Catanoches Bela Vista*, *Ctsm Maria Helena* - Mauabu Matida

Pág. 16 e 17: *Brassocattleya x fregoniana* - Lou Menezes

Pág. 18 e 19 - *Ornithocephalus myrticola* - Sergio Araujo

Págs. 21 a 23: *Cattleya amethystoglossa*, *Cattleya harrizoniana* e *Cattleya schofielfiana* - Érico Machado de Freitas

Págs. 24 a 26: Antonio Maira Cais Freschi

Aranda

15 anos

Texto e fotos por
Roberto Agnes

trazendo até você
a nossa paixão
por orquídeas

▼ Abstract

Continuing our journey among Brazilian orchid growers, in this issue we cover Aranda, one of Brazil's most important orchid nurseries, with world-class facilities in the Organ Mountains of the state of Rio de Janeiro. Aranda's director, Roberto Agnes, tells us about the company's history and plans for the future.



Grupo de híbridos *Phaphiopedilum*

O Orquidário ARANDA nasceu dessa paixão, oficialmente, em abril de 1985. Está completando portanto 15 anos em 2000. Os primeiros oito anos marcaram uma fase dedicada ao conhecimento mais profundo do produto e suas nuances do mercado em geral e também à análise dos investimentos necessários ao cultivo em grande escala. Os três anos seguintes se caracterizaram pelo esforço de montagem de toda a estrutura operacional necessária para fazer frente a esses planos. E, finalmente, foi nos últimos cinco anos que direcionou baterias à comercialização das orquídeas, através de um leque de alternativas voltado para atender ao consumidor da cidade do Rio de Janeiro, satisfeito em poder escolher entre plantas adultas, mais floridas e vistosas; ao colecionador de outros Estados brasileiros, interessado em espécies diferentes; e ao consumidor estrangeiro. Nesse caso, em busca de espécies brasileiras e outras novidades tropicais.

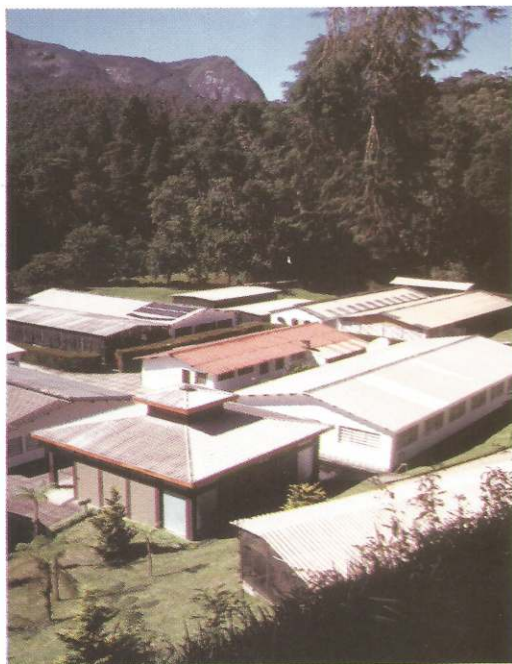
À primeira vista, pode parecer que todas as batalhas foram vencidas com certa facilidade. Contudo, para se atingir o estágio dito profissional, as perdas foram muitas. Perdas de tempo, de dinheiro, de planta e de gente... Um caminho de obstáculos difíceis e desconhecidos, só ultrapassados pelo aprendizado, pela persistência e, mais uma vez, pelo "feitiço", pela paixão.

Em Teresópolis, região serrana do Estado do RJ, em meio a um bonito vale, típico da Serra dos Órgãos, partiu-se para a construção

O encantamento provocado pelas orquídeas pode despertar reações inusitadas. Por exemplo: levar empresários industriais a se apaixonarem por um negócio complicado, completamente novo em suas vidas: a produção, o cultivo e a comercialização dessas plantas "enfeitiçadas".

de estufas menores, de fácil operação, rapidamente fechadas e abertas em função da temperatura, além de próprias para abrigar plantas de clima temperado.

Com uma proposta de cultivo diversificada, equivalente a uma pequena mas significativa representação do rico universo das orquídeas, começamos pela formação de bons lotes de



Estufa da Aranda em Teresópolis. As estufas são menores e mais baixas para conservar calor no inverno.



Vanda Bangsai Queen

espécies brasileiras, estrangeiras e de híbridos. Paralelamente, abraçamos o desafio de insistir na introdução no mercado do gênero *Paphiopedilum*. Inicialmente encarado com certa desconfiança pelo público em geral, afinal, trata-se de planta de uma única flor, estranha, exótica, fora dos padrões normalmente considerados para uma orquídea, com o tempo uma importante parcela do mercado passou a identificar nos "Paphios" uma orquídea diferente, decorativa, de flor resistente e valorizada pela raridade e pelas variações de suas cores e formas.

Sanções internacionais impostas à comercialização de espécies de *Paphiopedilum*, às quais podem estar sujeitas inclusive outras espécies nativas de orquídeas, fortaleceram a idéia de investimentos na construção e manutenção de um laboratório próprio, através do qual colaborássemos com a preservação de nossa flora e garantíssemos a multiplicação de gêneros variados. Alguns êxitos em sementeiras nesse laboratório já podem ser registrados, como espécies

diversas, *Cattleyas* e "Paphios" de híbridos complexos e tipo *Maudiae*.

É também em Teresópolis que mantemos um pavilhão de exposição cuja característica é servir de atração permanente aos que buscam conhecer orquídeas de todas as estações. No verão (fevereiro) e no inverno (julho) essa exposição é reforçada com uma ampla variedade de plantas floridas para abrigar eventos já tradicionais no roteiro turístico da cidade: as Exposições de Verão e de Inverno do Orquidário Aranda.

Foi para atender em especial ao consumidor da cidade do Rio de Janeiro e outras localidades de clima semelhante que demos início, em 1993, às nossas operações em Guapimirim, cidade em região da baixada fluminense. Ali, as estufas já são maiores, de modo a possibilitar produção em grande escala, e foram planejadas com sistema de ventilação de forma a evitar o superaquecimento das plantas, com melhores resultados de cultivo. Bom exemplo disso são as belas matrizes de *Cattleyas*, do Brasil e de fora, com ênfase nas nossas. Também muitos híbridos foram feitos a partir de espécies de porte menor com o intuito de produzir plantas de crescimento compacto, capazes de carregar flores fortemente coloridas e sem ocupar preciosos espaços de bancada. A necessidade de floração desses híbridos desde bem jovens e durante todo o ano foi colocada



As estufas em Guapimirim são maiores para evitar o aquecimento excessivo no verão



Phalaenopsis florescendo em Guapimirim

como meta importante que, depois de muitas tentativas, está em vias de ser atingida.

Os *Phalaenopsis* ganharam destaque em estufa própria, haja vista as condições favoráveis de cultivo através de um trabalho diferenciado que buscou o desenvolvimento de plantas que fugissem às tradicionais cores branca e rosa e evoluíssem para tipos listrados, com variações do rosa escuro ao vermelho-tijolo. Além da cor, procuramos usar matrizes cujo progênie se desenvolvesse com rapidez.

A alta umidade de Guapimirim vem favorecendo também o desenvolvimento de *Vandas* e *Ascocendas*, normalmente de sucesso garantido junto ao público, por se tratar de uma (quase) novidade florífera, algo esquecido desde o início da década.

O interesse por iniciativas pioneiras que tenham por objetivo levar um pouco do mundo das orquídeas àqueles

com maior dificuldade de acesso a ele levou a Aranda a comercializar suas plantas em lojas no Rio, facilitar o aluguel de orquídeas floridas para ambientes variados e montar eventos em outras cidades, além das exposições oficiais do meio orquidófilo. Alguns reconhecimentos e premiações importantes nos animam a continuar na luta por um espaço cada vez maior das orquídeas no crescente mercado nacional de plantas e flores e nos remetem de volta ao objetivo de 15 anos atrás, que contemplava o esforço pela diversificação no cultivo de espécies, a procura permanente por novidades nessa linha e a certeza da qualidade do produto e do serviço prestado a cada tipo de cliente, sempre visando à expansão do mercado consumidor.

ARANDA ORQUÍDEAS é um orquidário, sim, muito atento ao que produz, cultiva e vende. Um orquidário comercial, sim, muito zeloso pelo cliente a que destina o seu negócio. Um negócio apaixonante, acima de tudo. ▼

Roberto Agnes - Aranda Orquídeas

Rua Senador Dantas, 75/907 - Centro - RJ

Tels.: (21) 240-5609 / 240-7617

E-mail: aranda@aranda.com.br



Grupo de *Phalaenopsis*
(Lippefeuer x Zuma Plum)

O gênero

Oncidium no Brasil

No nº 4 do volume 12 desta revista descrevi os resultados da minha revisão científica do conjunto que forma a subtribo

Oncidinae e que ocorrem no Brasil.

*Digo, agora, que a maior parte do gênero mais numeroso, *Oncidium*, está no Brasil, com um total de espécies duas vezes maior do que todos os demais gêneros juntos da subtribo.*

Darei a seguir uma visão geral e classificatória, prosseguindo e atualizando o último trabalho feito nesse sentido por Pabst & Dungs in *Orchidaceae Brasilienses* (vol. II, 1977).

O gênero *Oncidium* foi descrito por Swarz em 1800. Até agora foram descritos 910 espécies sob tal denominação. Pude comprovar, na minha revisão, a existência de 315 espécies, em torno das quais existem nada menos de

Texto e fotos por Karlheinz Senghas
Tradução: Waldemar Scheliga

222 sinônimos. Os demais 373 nomes se referem a gêneros, a que cabe um tratamento específico. Estou fazendo menção, numérica e especificamente, a *Cyrtorchilum* e *Trigonochilum* (ambos de países andinos), como para *Tolumnia* (só existente no Caribe) e *Lophiaris*, as chamadas orquídeas orelhas-de-burro, em que se incluem cinco espécies brasileiras, com afinidade à antiga *Oncidium pumila*. Dos demais sinônimos vale mencionar apenas *Onc. limminghei* de origem brasileira, que, corretamente, foi reclassificado como *Psychopsis limminghei*, originária do Estado do Rio.

Uma revisão geral de *Oncidium*, com rigor científico, torna-se urgentemente necessária. Até agora nenhum orquidólogo teve coragem de enfrentar tal desafio. A principal dificuldade para executar essa tarefa consiste no fato de



*Oncidium
jonesianum*



*Oncidium
scansor*

que cerca de 90 das 315 espécies não terem tido sua descrição baseada em plantas vivas, mas só em material herbarizado (exsicatas) e não raro apenas sobre o primeiro exemplar-tipo. A pretensão de realizar um trabalho ideal na presença de material vivo, fotografado, documentado em desenho perfeito, com uma correta análise floral, provavelmente jamais se cumprirá. Entre outras dificuldades que muito contribuem para as outras quase insuperáveis está a complexa burocracia do CITES. Garay, em período recente (1970/1974), apresentou uma reclassificação do gênero, examinando todas as espécies e determinando-as. Para tanto serviu-se de quaisquer testemunhos, naturais ou artificiais, que estivessem disponíveis. Na minha extensiva revisão do gênero *Oncidium* (in SCHLECHTER, *Die Orchideen*, 3a. ed., 1997, págs. 2132/2190, e ilustrações de nos. 2113-2189), foi possível atualizar os procedimentos de Garay, sem contudo abordar aspectos de melhoria da sua classificação. Neste texto estou oferecendo uma chave sistemática das seções que abrangem as espécies brasileiras. (Veja a última página deste trabalho.) De conformidade com o estágio atual dos estudos sobre *Oncidium*, totaliza o gênero 19 seções, das quais se consideram 11 como válidas e oito como impróprias devido à diferente estrutura das espécies integrantes desses. Quatro seções não ocorrem no Brasil e seis delas contam com apenas

uma espécie. Segundo meus cálculos, o Brasil abriga 94 espécies.

Estabelecida a chave sistemática para a identificação dos diversos gêneros, para complementar ofereço um comentário resumido sobre cada um deles.

1) Seção *Cebolleta* Lindl. (1842)

Fáceis de reconhecer, os pseudobulbos, bifoliados, são pequenos e muito juntos. As folhas são roliças, com 30cm de comprimento. A planta é, em geral, pendente e vegeta em pleno sol. O *Oncidium cebolleta* (Jacq.) Sw. ocorre em toda a América tropical e subtropical e o *Oncidium jonesianum* Rchb. f., além do Brasil (MG, SP e MT (*)), ocorre, também, na Argentina, Paraguai e, recentemente, descobriu-se que também na Bolívia (Depto. de Santa Cruz).

2) Seção *Pulvinata* Lindl. (1850)

O calo basal sobre o labelo, em forma de almofada, produzida por densa pilosidade é a característica que deu origem ao nome. Os bulbos, unifoliados, são envoltos em folhas sem limbo. Todas as cinco espécies brasileiras encontram-se em cultivo. *Onc. pulvinatum*, *Onc. harrisonianum*, *Onc. divaricatum*, *Onc. sphegiferum* e *Onc. robustissimum*.

3) Seção *Serpentia* (Krzl.) Garay (1970)

Plantas de crescimento reptante ou rastejante, devido a serem muito separados os pseudobulbos, com cerca de 10cm entre um e outro. Inflorescência com 1 ou poucas flores. Das quatro espécies desta seção, apenas *Onc. scansor* ocorre no Brasil, no Estado de Rondônia.

4) Seção *Waluwewa* (Regel) Schltr. (1926)

Aqui entram as espécies que apresentam coluna pilosa e as duas asas laterais situadas à altura do estigma, sendo que, geralmente, a coluna é coberta pela sépala dorsal, com a forma de um capuz, assim como pelas pétalas extensamente aderentes. Bulbos geralmente bifoliados, envoltos por folhas membranosas e escamosas. É um grupo com afinidade natural, composto de 21 espécies, sendo que, de duas delas, não se conhece a origem. As demais ocorrem no sudeste do Brasil, no Estado de Minas Gerais, ocorrendo por todo o Sul até o Rio Grande do Sul. Seis espécies ocorrem no Paraguai e, dessas, três ocorrem também na Argentina. Treze espécies em cultivo na Europa, sendo a mais comum o *Onc. waluwewa* Rolfe, embora sob esse nome se encontre, ainda, o *Onc. remotifolium* Garay. A maior parte das espécies da seção *Waluwewa* são de fácil cultivo e muito apreciadas pela abundância e durabilidade das flores. Por exemplo: *Onc. lietzi* Regel, *Onc. pubes* Lem., *Onc. vericosissimum* Cogn., *Onc. truncatum* Pabst e *Onc. cornigerum* Lind. Uma jóia, certamente a menor espécie, é *Onc. coloratum* Kön. & Weinm., descoberta há poucos anos.

5) Seção *Rostrata* Rolfe (1893)

Outra seção composta de espécies com afinidade natural de estrutura especial no que diz respeito à coluna: o rostelo é alongado em forma de bico e, conseqüentemente, encimado por uma antera longa e bicuda, sendo o estipe, também, longo e esguio. Trata-se, contudo, de uma seção pouco conhecida, com cerca de 29 espécies, das quais uma, ou seja, *Onc. truliferum* Lindl., ocorre no Brasil, desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul.

6) Seção *Heterantha* (Lind.) Krzl. (1922)

Outra seção de um grupo natural, como a anterior, composta principalmente de espécies de origem andina e apenas uma do Brasil. Seu nome genérico já indica a característica típica: as inflorescências são de floração abundante, mas são dimorfas e, na maioria dos casos, as flores pequenas e inexpressivas dominam, formadas por cinco verdadeiros

fiapos a título de sépalas e pétalas. São, na verdade, flores abortadas que, de certa forma, alternam com flores maiores, normais e férteis. Apenas o *Onc. heteranthum* Poepp. & Endl. ocorre desde a Costa Rica até o Estado do Pará, no Brasil.

7) Seção *Rhinocerotes* Garay & Stacy (1974)

Com um simples olhar observa-se de imediato o “chifre do rinoceronte”, um calo dominante sobre o labelo, longo e curvado para cima. Neste caso apenas as duas espécies do sudeste brasileiro, *Onc. longicornu* Mutel, e também as encontradas na Argentina e no Paraguai, *Onc. macronix* Rchb. f., são indiscutíveis, já que o denominado *Onc. rhinoceros* Rchb. f., descrito sem indicação de origem, provavelmente não foi estudado em planta viva.

8) Seção *Paucituberculata* Lindl. (1850)

Há poucos anos essa seção, com oito espécies, podia ser declarada como exclusivamente brasileira. Recentemente foram, contudo, descobertas na Colômbia e no Peru três espécies andinas. As inflorescências produzem flores pequenas e, sobre o labelo, um calo pouco estruturado, composto de elementos em números pares, geralmente dois ou quatro. As inflorescências altamente floríferas de *Onc. raniferum* Lindl., *Onc. loefgrenii* Cogn. e *Onc. hookeri* Rolfe são as mais cultivadas no Brasil e na Europa. São muito variáveis e nem

Oncidium remotifolium





Oncidium dasytyle

sempre fáceis de distinguir. Entre as espécies menos floríferas em cultivo estão *Onc. hians* Lindl. e *Onc. aberrans*.

9) Seção *Concoloria* Krzl. (1922)

Esta seção difere da anterior apenas pelas flores, maiores, e pelo labelo indiviso. Sem dúvida, um grupo vistoso, com apenas nove espécies, sendo quatro brasileiras, duas andinas, duas mexicanas e uma da Costa Rica.

As mais conhecidas e cultivadas espécies brasileiras, facilmente identificáveis por um calo preto sobre o labelo, são *Onc. dasytyle* Rchb. f., além de *Onc. concolor* Hook., *Onc. ottonis* e, por fim, o raramente cultivado *Onc. gracile* Lindl.

10) Seção *Barbata* Lindl. ex Pftz (1889)

Novamente um grupo natural com 16 espécies brasileiras que ocorrem em regiões distintas: 10 vivem no sudeste brasileiro, cinco no território oriental da Bolívia, fronteira com Mato Grosso, sendo que o *Onc. unicolor* é de localização desconhecida. As espécies são facilmente reconhecíveis pelos característicos recortes dentados do istmo entre os lobos laterais e central do labelo. Além disso, as sépalas centrais são mais ou menos longamente fundidas entre si. A maioria das espécies são cultivadas seja no Brasil, seja na Europa, sendo algumas delas consideradas raridades, como o *Onc. fuscopetalum* (Hoehne) Garay e *Onc. trichodes* Lindl.

Chave sistemática das seções do gênero *Oncidium*

1. Folhas dos bulbos redondas (unifaciais), basal, m/m subunifaciais (1 espécie).....1. seção **Cebolleta**
 – Folhas dos bulbos, planas e às vezes muito estreitas.....2.
2. Calo do labelo em forma de almofada, produzida por pêlos espessos (4 espécies).....2. seção **Pulvinata**
 – Calo do labelo sem forma de almofada e sem pêlos.....3.
3. Bulbos muito espaçados e, por isso, planta com hábito reptante; inflorescência com 1/2 flores (1 espécie).....3. seção **Serpentia**
 – Bulbos aglomerados, com crescimento em forma de coxim; em algumas espécies bulbos pouco separados e crescimento algo reptante; inflorescência quase sempre com muitas flores, muitas vezes ramificada.....4.
4. Coluna mais ou menos pilosa, na altura do estigma com apêndices lembrando dois bracinhos estendidos ou asas. Sépala dorsal geralmente muito côncava, em forma de capuz ou colher (21 espécies).....4. seção **Waluwia**
 – Coluna lisa, asas da coluna geralmente presas na altura do estigma, também mais reduzidas e por vezes quase inexistentes.....5.
5. Rostelo alongado, dentado, com aparência de tromba; estipe muito comprido; antera com forma de longo bico (1 espécie).....5. seção **Rostrata**
 – Rostelo curto, canelado (Oncideóide).....6.
6. Flores dimorfas, ao lado de flores de formação normal e férteis, preponderando as estéreis constituídas com cinco segmentos finos e lineares (1 espécie).....6. seção **Heteranta**
 – Flores uniformes, sempre férteis.....7.



11) Seção *Oncidium* (= seção *Planilabre* Garay & Stacy (1974))

Certamente não são 19 espécies naturalmente afinadas que se distinguem pelas sépalas laterais soltas, superando em comprimento o labelo. Disseminado e muito cultivado é o nada típico *Oncidium phymatochilum* Lindl. que, estranhamente, além de ocorrer no sudeste brasileiro, ainda aparece, isolado, na região limítrofe México/Guatemala. Diferentemente acontece com o *Onc. planilabre*, a segunda espécie reportada como brasileira. Ela tem íntima afinidade com a espécie-tipo *Onc. altissimum* Sw, sendo, não raro, confundidas. A variabilidade natural das duas espécies em muito contribui para dificultar a distinção entre elas.

12) Seção *Crispa* Rchb.f ex Pfitz (1899)

As grandes pétalas que são determinantes do aspecto da flor caracterizam em geral as 13 espécies da seção. Todas ocorrem no sudeste

brasileiro e nenhuma delas ultrapassa as fronteiras do país. São plantas altamente apreciadas pelos cultivadores, principalmente pelo fato de produzirem flores de corte. Apenas o *Oncidium pectorale* Lindl. e o *Onc. imperatoris-maximiliani* Rchb. f. (espécie muito controversa) são raramente encontrados em cultivo. As demais estão difundidas. É certo que existem espécies duvidosas, principalmente pela falta



Oncidium planilabre

7. Calo do labelo com um único chifre arredondado, curvado para cima; coluna sem apêndices (2-3 espécies).....7. seção **Rhinocerotes**
 – Calo do labelo com chifre mais longo, mas sem a curvatura para cima.....8.

8. Calo do labelo formado de várias partes (lamelas, protuberâncias, verrugas) sempre em números ímpares.....10.

9. Flores pequenas, sépalas com menos de 5cm de comprimento; labelo com lobos laterais distintos ou largamente arredondados na base (8 espécies).....8. seção **Paucituberculata**
 – Flores maiores, sépalas sempre com comprimento acima de 8cm; labelo com base cuneada, sem lobos laterais (4 espécies).....9. seção **Concoloria**

10(8) Sépalas laterais mais curtas ou, no máximo, tão longas quanto o labelo.....12.
 – Sépalas laterais mais longas que o labelo.....11.

11. Sépalas laterais com aderência variada; istmo do labelo finamente serrilhado até fimbriado (16 espécies).....10. seção **Barbata**
 – Sépalas laterais livres; istmo do labelo com orla lisa (seção tipo) (1 ou 2 espécies).....seção **Oncidium**

12.(10). Sépalas laterais totalmente livres.....14.
 Sépalas laterais com longas e variadas aderências.....13.

13. Pétalas grandes, nitidamente maiores e mais acentuadas do que as sépalas no aspecto geral da flor (13 espécies).....12. seção **Crispa**
 – Sépalas e pétalas comparáveis, m/m de igual tamanho (11 espécies).....13. seção **Synsepala**

14.(12). Ao lado do calo sempre complexo, composto de várias até inúmeras partes, em quantidade ímpar sobre os dois lobos e/ou na frente da região do istmo, acrescido de verrugas/corcundas (4 espécies).....14. seção **Verrucituberculata**
 – Afora o calo complexo sobre o labelo, sem qualquer verruga/corcunda (5 espécies).....15. seção **Oblongata**



Oncidium donianum

de material vivo e em razão da inexistência de indicação de origem nas descrições originais de: *Onc. litum* Rchb. f., *Onc. pardoglossum* Rchb. f. e *Onc. riverianum* St. Leger.

13) Seção *Synsepal* Pfitz

Certos conjuntos desta seção, se analisados do ponto de vista da afinidade, pertencem indiscutivelmente ao grupo, enquanto que outros, não. É indubitavelmente um conjunto de espécies com características idênticas, com sépalas fundidas de modo mais ou menos parecido, assim como pelo tamanho e forma de sépalas e pétalas. Em 23 espécies conhecidas 10 não são comuns em cultivo, 10 são do sudeste brasileiro, com ocorrência de seis destas em países vizinhos (Paraguai, Uruguai, Argentina e Guiana). A espécie-tipo *Onc. varicosum* Lindl., assim como o *Onc. flexuosum* Sims são muito apreciados como flores de corte. Já o *Onc. spilopterum* Lindl. vem sendo preferido na hibridização em razão do calo vermelho sobre o labelo. Só o *Onc. bifolium* Sims é extensamente cultivado (NT: na Europa e na Argentina. No Brasil a preferência recai sobre os dois primeiros citados), em detrimento das demais espécies, raramente encontradas em cultivo.

14) Seção *Verrucituberculata* Lindl. (1850)

Aqui, segundo as diagnoses, contamos com nove espécies. Comparando a forma de propagação, habitat, forma de crescimento e aspecto floral de cada uma consideramos que têm pouco em comum. São bem difíceis de

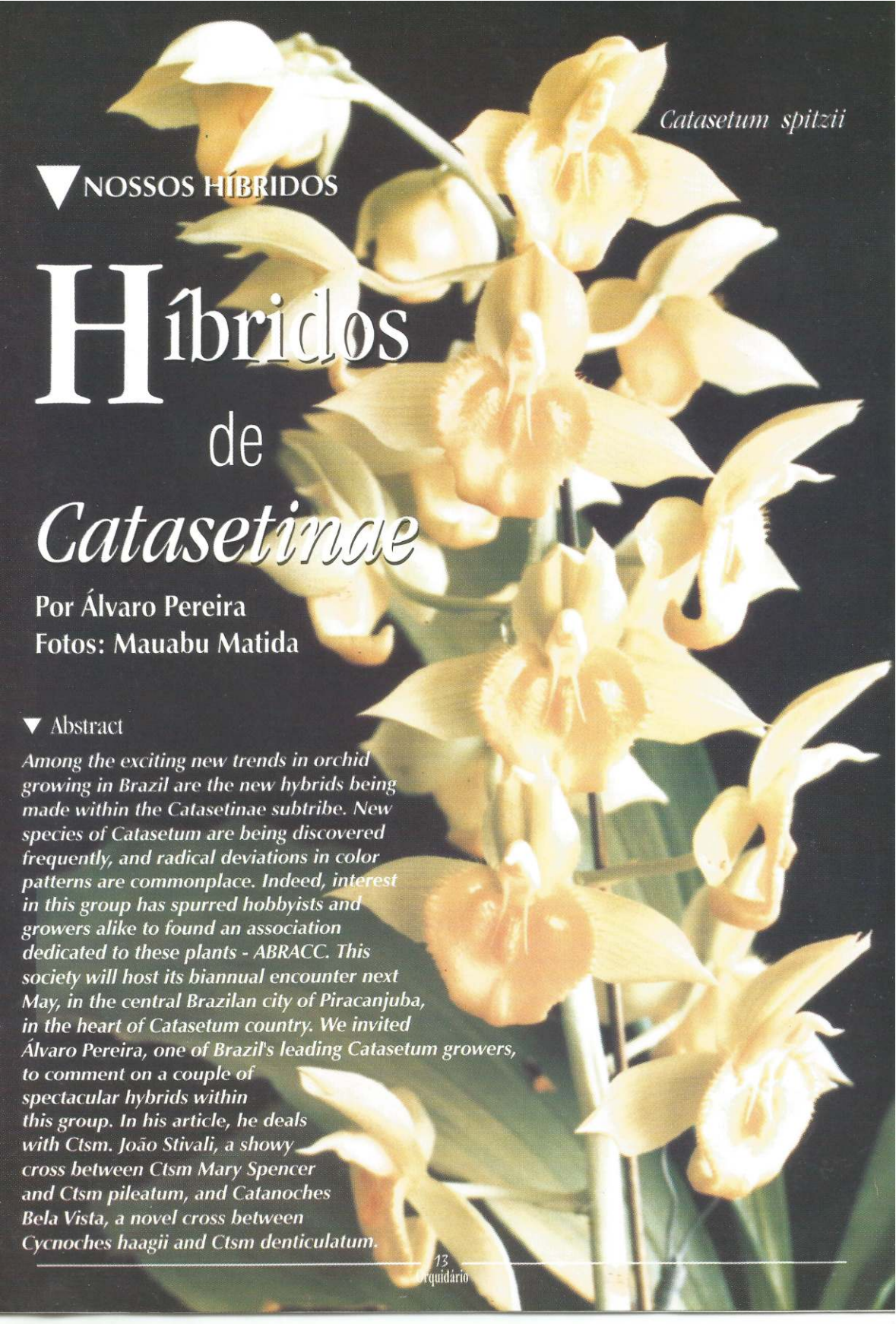
encontrar aspectos distintivos entre a seção *Synsepal* e as que formam a seguinte, *Oblongata*. A característica determinante do nome da seção vem do calo do labelo, com segmentos ímpares e, ainda, com uma ou várias corcundas ou verrugas sobre os lobos laterais do labelo. Todas as cinco espécies brasileiras da seção são encontráveis em cultivo. São dificilmente distinguíveis *Onc. blanchetii* Rchb. f. e *Onc. batemannianum* Parm. ex Kn. & Wesc., o raro *Onc. ramosum* Lindl. e *Onc. donianum* Bst. ex Bxt., assim como *Onc. warmingii* Rchb. f., reptante e com um labelo branco e vermelho pouco típico em *Oncidium* e que também ocorre na Venezuela, vegetando como rupestre.

15) Seção *Oblongata* Krzl. (1922), inclusive seção *Planifolia* Benth & Hook.

Como mencionei no início, reuni as duas seções seguindo Garay. Deve-se isto ao fato de que as duas só eram separadas pelo comprimento diverso das brácteas, o que também fundamentei devidamente. São diferentes das seções anteriores apenas pela ausência de protuberância no calo sobre os lobos laterais do labelo. De um modo geral a seção, com 72 espécies, é a mais numerosa do gênero e com uma dispersão que vai do sul do México, passando pelo Caribe e vindo até Bolívia e Brasil. Uma espécie dos Estados de Rondônia e Goiás, *Onc. orthostates* Ridl., vem merecendo a preferência dos cultivadores. O *Onc. sellowii* Cogn. é grande raridade. Além dessas, mais três espécies são dadas como ocorrendo no Brasil - *Onc. amabile*, *Onc. celsissimum*, *Onc. pentecostale* -, mas são duvidosas e praticamente desconhecidas. ▼

(*) Dr. Karlheinz Senghas
Botanischer Garten der Universität
Am Neuenheimer Feld 340
D-69120 - Heidelberg - Alemanha

(*) NT - É de observar que *Onc. jonesianum* ocorre, também, nos Estados de Goiás, região norte, sul e sudeste de Tocantins e noroeste da Bahia.



Catasetum spitzii

▼ NOSSOS HÍBRIDOS

Híbridos de *Catasetinae*

Por Álvaro Pereira

Fotos: Mauabu Matida

▼ Abstract

Among the exciting new trends in orchid growing in Brazil are the new hybrids being made within the *Catasetinae* subtribe. New species of *Catasetum* are being discovered frequently, and radical deviations in color patterns are commonplace. Indeed, interest in this group has spurred hobbyists and growers alike to found an association dedicated to these plants - ABRACC. This society will host its biannual encounter next May, in the central Brazilian city of Piracanjuba, in the heart of *Catasetum* country. We invited Álvaro Pereira, one of Brazil's leading *Catasetum* growers, to comment on a couple of spectacular hybrids within this group. In his article, he deals with *Ctsm.* João Stivali, a showy cross between *Ctsm* Mary Spencer and *Ctsm* pileatum, and *Catanoches* Bela Vista, a novel cross between *Cynoches* haagii and *Ctsm* denticulatum.

A seção **Nossos Híbridos** vem tendo uma repercussão muito positiva em nossos leitores, que escrevem elogiando e pedindo mais. Os primeiros artigos giraram em torno dos híbridos de *laelinae*, os populares híbridos de *Cattleya*, como era de esperar, dada a grande produção e tradição brasileira neste setor.

No entanto, nos últimos anos estamos assistindo ao grande crescimento no país de outras linhas de cruzamento, acompanhando a tendência mundial de diversificação. Dentre as mais recentes linhas, uma vem crescendo com ímpeto singular e, em particular, o Brasil vem se transformando numa referência em tal área. Trata-se da aliança *Catasetinae*, com suas formas invulgares e inexploradas possibilidades. Convidamos Álvaro Pereira, reconhecida autoridade no assunto, para nos apresentar algumas destas recentes criações. Fica aqui lançado o desafio, a ele e a outros "cataseteiros", para produzirem estudos comparando as diferentes influências das espécies usadas e principais tendências já exploradas.

Pretendemos, sempre que possível, cobrir as novidades, sem esquecer o enorme patrimônio já existente.

Carlos Antonio A. de Gouveia - Editor

Quando me propus a escrever este artigo, veio-me a pergunta:

- Por que tantas pessoas gostam das *catasetíneas*?

Um planta de difícil cultivo e quando em flor tem seu manuseio tão delicado, que às vezes impede até os colecionadores de exibirem suas plantas nas exposições. Acredito que a resposta para nós "cataseteiros" é bem simples e vem do fundo do coração, enchendo-nos a boca de adjetivos agradáveis:

- Você viu que maravilha está aquela haste daquele *Catasetum spitzii* amarelo-ouro!

- Nunca vi uma planta com tal número de flores e colorido tão forte como este *Catasetum Maria Helena*!

- Só Deus para criar plantas com tantas formas e coloridos diferentes!

Isto para ficarmos em três observações, pois poderia incluir neste artigo muitas outras!

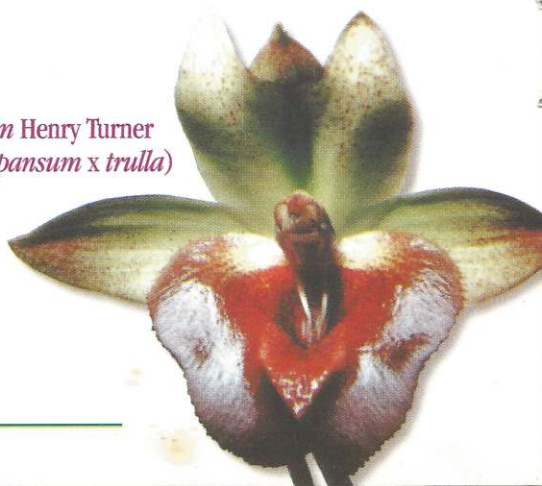
Acredito que a variação de formas e coloridos, tornando as florações verdadeiras obras de arte, venha a compensar em muito os dissabores do cultivo e do transporte. Nos últimos cinco anos, o que se viu foi um aumento na produção de *catasetíneas* híbridas por orquidários profissionais e orquidófilos amadores, surgindo destas sementeiras híbridos com forma e colorido inimagináveis até então, inclusive com isto suprimindo o mercado nacional com novas plantas e, com certeza, colaborando para frear a "gula" de alguns colecionadores em retirar as espécies da natureza.

Tenho certeza de que a nossa Associação Brasileira dos Cultivadores de *Catasetíneas* - ABRACC - tem cumprido seu papel preservacionista, pelo esclarecimento a seus membros, seja em seu jornal trimestral ou em seus encontros anuais, destacando sempre que a natureza deve ser respeitada e conservada para a própria sobrevivência da raça humana no planeta, lembrando aí, para concluir, que o homem se acha capaz de tudo, mas não pode por isso, em nome do progresso, destruir o que lhe foi dado pelo Criador gratuitamente.

Podemos destacar das fotos deste artigo duas jóias raras criadas por dois orquidófilos brasileiros:

1) *Catasetum* João Stivalli (*Ctsm Mary Spencer* x *Ctsm pileatum*) - possui flores vistosas. Quando bem cultivadas, podem apresentar 10 a 15 flores por haste, com

Ctsm Henry Turner
(*expansum* x *trulla*)



Ctnchs Bela Vista
(*Cyc haagii* x *Ctism denticulatum*)



coloração variada do labelo, com tons que vão entre o rosa pálido ao rosa escuro, vermelho claro ao vinho bem escuro, e branca ao amarelo alaranjado. Algumas flores saíram totalmente albas, enquanto outras saíram albas com o centro do labelo na cor amarelo-ouro e mais para o interior do calo verde claro. Em outra variedade as flores possuem pétalas e sépalas vermelhas na parte frontal e o dorsal vermelho em suas margens, esverdeado para a base e o labelo vermelho claro nas extremidades, escurecendo na cor vermelho sangue para o centro do labelo. Temos a variedade rosa com suaves estrias levemente rosadas nas sépalas e pétalas. O labelo é rosa com o interior do calo na tonalidade verde e uma mancha rósea clara que vai do centro ao ápice do labelo. Algumas plantas possuem pintas e manchas escuras nas sépalas e pétalas difundidas também na parte central do labelo, com tonalidade mais clara na fauce, formando um belo contraste.

A cada floração, o *Catasetum* João Stivalli surpreende e impressiona com o colorido intenso de suas flores e exuberante floração. Para mim, está entre um dos mais belos cruzamentos feitos até hoje, uma jóia que surgiu com a ajuda das mãos do homem. Este híbrido precisa ser refeito para que atenda a grande procura por parte dos amantes das *catasetíneas*.

Este híbrido foi feito pelo Sr. João Stivalli de Rio Claro-SP.

2) ***Catanoches Bela Vista* (*Cyc haagii* x *Ctism denticulatum*)** - outra maravilha feita pelo amigo Antonio Schmidt, de Assis-SP, confirmando aí a carga genética do *Catasetum denticulatum*, planta genuinamente brasileira, legando a este híbrido colorido e pintas que o tornam um dos mais belos *Catanoches*.

Com certeza podemos esperar para breve outras criações maravilhosas de nossos hibridizadores, pois o potencial de nossas espécies é muito grande e os mestres estão trabalhando. ▼



***Ctism Maria Helena* (*galeritum* x *macrocarpum*)**

Por Lou Menezes

Um novo híbrido natural:

Brassocattleya x fregoniana

Neste novo híbrido natural, tanto a morfologia da planta quanto a floral revelam de imediato a paternidade envolvendo os gêneros *Brassavola* e *Cattleya*, com os caracteres herdados de *Brassavola* sendo dominantes.

Plantas deste novo híbrido natural foram recentemente encontradas em plena floração no fim de abril e início de maio, juntamente com aquelas de *Brassavola tuberculata* e *Cattleya guttata* igualmente floridas, numa área de vegetação costeira arbustiva (restinga) no litoral do Estado do Espírito Santo. Como

as duas espécies citadas eram as únicas dos gêneros *Brassavola* e *Cattleya* existentes no habitat, a correta identificação do híbrido natural tornou-se fácil e mesmo evidente.

O nome do novo taxon, *Brassocattleya x fregoniana* foi dado em homenagem ao Dr. Jayr Fregona Júnior, responsável pela localização do habitat e coleta do material estudado. Por outro lado, o citado médico tem prestado valiosa contribuição na divulgação da flora de orquídeas nacional, inclusive através do site (www.orkideas.com.br).

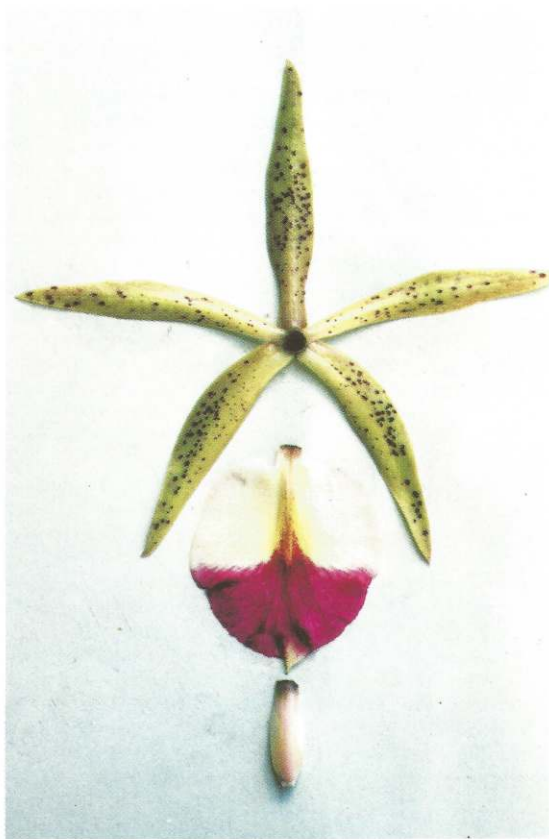
▼ Diagnosis:

Brassocattleya x fregoniana L. C. Menezes hyb. nat. nov.

Planta epiphytica; pseudobulbis teretiusculis, 5-articulatis, 35cm altis; foliis 1-2, carnosis, lanceolatis, 25cm longis, 2cm latis; inflorescentia 10cm alta cum 3-13 flores; fillores odoriferi (7cm in diametro), ostendens sepala et petala colore viride-flavescenti et maculis purpureis subscepto a *Cattleya guttata*, sed cum forma a *Brassavola tuberculata*; labellum typicum sicut *Brassavola tuberculata* vel purpureo maculato subscepto a *Cattleya guttata*; callo lanciformi et columna memoriam minutae columnae *Cattleya guttata* renovat.

Hibridum naturale inter *Brassavola tuberculata* Hook. et *Cattleya guttata* Lindley. Floret mense aprili, outomno brasiliensi.

Habitat: in silvula maritima in Statu Spiritus Sancti. Legit cl. Jayr Fregona Júnior. Holotypus - Ub80.



▼ Description

A new natural hybrid: *Brassocattleya x fregoniana*

In this new natural hybrid the morphology of both the plant and its flowers immediately reveals its *Brassavola* and *Cattleya* background, the characters inherited from *Brassavola* being dominant.

Plants of this new natural hybrid were recently found in full flower in late April and early May, together with those of *Brassavola tuberculata* and *Cattleya guttata* also in flower, in an area of shrubby coastal vegetation (coastal lowland called "restinga"

in Brazil) on the litoral of Espírito Santo State. As the two aforementioned species were the only members of the genera *Brassavola* and *Cattleya* existing in the habitat, the correct identification of the natural hybrid was easy and even obvious.

The name of the new taxon, *Brasso cattleya x fregoniana*, was selected in honor of Dr. Jayr Fregona Junior, who was responsible for locating the habitat and collecting the plant material studied. On the other hand, the aforementioned medical doctor has made a valuable contribution to the publicizing of Brazil's orchid flora, even including the use of a website (www.orkideas.com.br).



Uma pequena
jóia em forma
de leque

Ornithocephalus

Por Maria da
Penha K. Fagnani

myrticola Lindl.

Classificação segundo Dressler

Subfamília: Epidendroideae

Tribus: Maxillarieae

Subtribus: Ornithocephalineae

▼ Abstract:

This little epiphytic orchid occurs only in Brazil and Bolivia in a wide range of habitats including cold mountain areas, "cerrado" and sea level. Rare in collections, it is still found in nature in several Brazilian states, including Rio de Janeiro. Its flowers have a citric fragrance and are pollinated by small bees of the genus Tetrapedia which gather oil produced in the lip by oil glands, to feed their larvae. Sepals and petals have approximately the same length but the petals are broader; the sepals are white with one green stripe and the petals are white with two green stripes. The lip is convex with a fleshy disc with five yellow calli, and five green longitudinal stripes; the tip is white, membranaceous, acute and reflexed. Slender column, anther and rostellum beaked, pollinia four, long stipe. The plant can be grown in small pots or mounted on slabs of tree fern, with humidity and shade. This fan shaped orchid is showy and certainly deserves to be called a small jewel!

▼ Sinônimos:

- *Ornithocephalus pygmaeum* Rchb.f. & Warm.
- *Ornithocephalus reitzii* Pabst

▼ Etimologia:

Ornithocephalus Hooker 1825, do grego *ornithos* (pássaro) e *kephale* (cabeça), pelo fato de que o ápice da coluna lembra, por sua forma, uma cabeça de pássaro. John Lindley descreveu esta espécie em 1870, e a planta-tipo foi coletada em Bom Jesus do Bananal por M. E. Descourtiz, onde crescia sobre árvores de Myrtaceae.

▼ Descrição:

Pseudobulbos nulos; folhas dísticas carnosas, achatadas e imbricadas. Limbo de forma lanceolada e extremidade aguda, falcado, medindo 5,5 a 10cm de comprimento por 1,3 a 1,5cm de largura, articulado com uma bainha rígida, achatada. Inflorescência axilar, pêndula, com 4,5cm de comprimento, multiflora; flores com odor cítrico. Pedúnculo floral e flores externamente pilosos. Sépalos e pétalas aproximadamente do mesmo comprimento, diáfanos, sendo que as pétalas se destacam mais na flor por serem mais largas, medindo 0,5cm de comprimento por 0,5cm de largura; sépalos brancos com uma estria verde e pétalas brancas com duas estrias verdes. Labelo convexo, com 0,5cm de comprimento; parte basal carnosa com 5 calosidades amarelas que se continuam com cinco estrias verdes longitudinais; ponta branca membranácea, aguda e reflexa. Coluna delgada; antera e rostelo com um prolongamento em ponta semelhante a um bico de pássaro; quatro políneas e estipe longo.

Ornithocephalus myrticola
Lindl. Nesta foto podemos
perceber a disposição
das flores em forma de leque,
assim como a proporção
relativa dos racemos e flores.



Foto: Sergio Araujo

▼ Distribuição geográfica:

Brasil e Bolívia; no Brasil é encontrada nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorre em vários habitats: regiões montanhosas frias, cerrado e nível do mar. Apesar de ser raramente vista nas coleções de orquidófilos, esta orquídea ainda é encontrada na natureza. Temos notícia recente de ocorrência no município de São Pedro da Aldeia, RJ. Na revista *Orquídea* de novembro/dezembro de 1966, págs. 328-329, Guido Pabst lista *Ornithocephalus myrticola* Lindl. como a única espécie do gênero encontrada na Cidade do Rio de Janeiro e menciona uma coleta feita por Glaziou no bairro de Cascadura.

▼ Polinizador:

Abelhas coletoras de óleo do gênero Paratetrapedia. *Ornithocephalus* possuem glândulas produtoras de óleo no seu labelo e atraem pequenas abelhas que coletam óleo para alimentar suas larvas.

▼ Cultivo:

A planta pode ser cultivada em vasos pequenos ou montada em pedaços de xaxim, com sombra e umidade o tempo todo; deixar secar um pouco entre as regas. A temperatura mínima no inverno não deve ser menor do que 12 a 15°. Floração em fevereiro.

▼ Premiações e Híbridos:

Até 1992, *Ornithocephalus* tinha sido premiada 28 vezes pela AOS. Existe um híbrido registrado recentemente: Snowbird *Orcp. bicorni* x *Orcp. myrticola*.

▼ Conclusão:

É mesmo uma pequena jóia e quando bem florida chama a atenção nas exposições! Para bem apreciá-la vale a pena usar os óculos para "vista cansada" (que costumamos esquecer em casa) e até mesmo recorrer a uma lente.

▼ Agradecimentos:

Sylvio Rodrigues Pereira pelo empréstimo da planta florida.

Carlos A. A. de Gouveia pela pesquisa dos híbridos.

▼ Bibliografia:

Bechtel, Cribb & Launert 1992. *The Manual of Cultivated Orchid Species*. Bath Press, Inglaterra, 444

C. F. P. von Martius 1906. *Flora Brasiliensis*, vol. III, parte 6. Monachii, 220-221

Dressler, R. L. 1993. *Philogeny and Classification of the Orchid Family*. Dioscorides Press, Portland, Oregon, 177

Mc Queen, Jim & Barbara 1993. *Orchids of Brazil*. Timber Press, Portland, Oregon, 166

Pabst, G. F. J. & Dungs, F. 1977. *Orchidaceae Brasilienses*, vol. II. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow, Hildesheim, Alemanha, 202

Webster, Patsy. *The Orchid Genus Book* 1992. Patricia Webster, U.S.A., 8.15 e 12.9 ▼

Maria da Penha K. Fagnani

Rua das Palmeiras, 93 / 803

Rio de Janeiro, RJ - Brasil - CEP 22270-070

E-mail: mfagnani@ccard.com.br



Cultivo de Orquídeas

Temos materiais para cultura de orquídeas • Importação própria
Atendemos a revendas, produtores e colecionadores

Welli comércio importação exportação Ltda.

R. Barão do Bananal, 654, V. Pompéia, São Paulo, S.P. CEP 05024-000

Tel.: (11) 3675-3427 • (11) 3675-3426 • Fax.: (11) 3872-1857

e-mail: welli@stbnet.com.br • site: www.welli.com.br



*Cattleya
amethystoglossa*

Cattleyas bifoliadas do Estado do Espírito Santo

Texto e Fotos por
Érico Machado de Freitas

Além da impressionante riqueza em espécies nativas de orquídeas, o Estado do Espírito Santo, mesmo com um território limitadíssimo em relação ao Brasil (0,5%), é berço de várias delas, entre os gêneros mais apreciados pelos orquidófilos. Assim, podem ser enumeradas: *Laelia* (16), *Miltonia* (07), *Oncidium* (mais de 42), *Sophranitis* (04), Grupo: *Encyclia* - *Epidendrum* - *Hormidium* (mais de 41) e *Cattleya* (09), das quais oito são "bifoliadas".

São elas: *Cattleya aclandiae*, *Cattleya amethystoglossa*, *Cattleya guttata* (*tigrina*), *Cattleya*

leopoldi, *Cattleya schilleriana*, *Cattleya schofieldiana*, *Cattleya velutina*.

Cattleya aclandiae e *Cattleya schilleriana*

Apresentam porte assemelhados, como se rastejante, embora a *C. schilleriana* seja mais robusta e o colorido mais escuro, aproximando-se do avermelhado. Ambas de porte médio e somente uns poucos indivíduos de tamanho maior. A *C. aclandiae* surge no norte do Estado, estendendo-se pela Bahia em sua maior zona de dispersão. A *C. schilleriana*, entretanto, é genuinamente capixaba e ocupa área pequena, em apenas poucos municípios e em região montanhosa, mais



Cattleya harrisoniana (tipo)

ou menos entre as altitudes de 200 a 800 metros. Predominam os coloridos amarronzado e avermelhado (pétalas e sépalas) e o labelo bem destacado, em leque. Não só o colecionador, mas também os produtores procuram exemplares selecionados, devido à capacidade da planta de transmitir boa estrutura na flor, além de coloridos diferenciados e de grande atrativo, com domínio na forma do labelo e interessantes modificações.

Cattleya amethystoglossa

Também do norte do Estado, estendendo-se pela Bahia, chegando até a Zona do Recôncavo, mais ou menos perto de Salvador. Já foi chamada *Cattleya guttata* var. Prince.

OBS.: Muitos "coletores" de orquídeas (desde o início do século XX) e mesmo alguns botânicos incorreram em erros, por desconhecerem muitas das orquídeas nativas brasileiras e ao encontrá-las (sem flor), pelo seu aspecto morfológico, as "batizavam" pelo que achavam ser, sempre com tendência para nominar plantas mais procuradas (assim aconteceu com *C. amethystoglossa*, *C. guttata*, *C. leopoldi*, *Laelia grandis*, *L. tenebrosa*, *L. pumila*, *L. praestans* (*spectabilis*) e *L. dayana*, que até hoje muitos confundem). A *C. amethystoglossa* é muito bonita e suas flores, de colorido rosa

Abstract:

The bifoliate group of *Cattleyas* are a beautiful and truly Brazilian group of orchids. They compensate for their smaller flower sizes with multiflower sprays with up to 30 colorful and fragrant blooms. In this article, the well-known orchidist, Érico Machado de Freitas, takes us on a tour of the bifoliate *Cattleyas* native to his state, Espírito Santo, on Brazil's eastern coast. The state reigns as home to most *Cattleyas* of this group.

claro e branco (pétalas e sépalas), pintalgadas e labelo proeminente, permite conjuntos extraordinários. É uma planta da região quente e altitude pouco acima do nível do mar.

Cattleya guttata (tigrina)

Há sempre alguém dando nomes aos "bois", quando, na realidade, eles são mais conhecidos pelos seus "apelidos". É uma orquídea vigorosa, com incidência mais comum na região quente (próximo ao nível do mar), mas mesmo assim consegue chegar a mais de 600 metros de altitude, por vezes confundindo-se com *Cattleya schofieldiana* e mesmo com *Cattleya velutina*. "Navega" por toda a costa do Espírito Santo, ultrapassando fronteiras. As flores são mais ou menos padronizadas, embora estejam, quase sempre, entre o verde e o amarelo, mas apresentando algumas variedades interessantes (lisas e uniformes), sem os pontos característicos.

Cattleya harrisoniana (ou *harrisoniae*)

É a única geneticamente diferenciada quanto à estrutura das peças florais. A cor dominante é lilás e a forma do labelo de cunho próprio, aliás o que a separa, completamente, da *Cattleya loddigesii* (esta, nativa de outras regiões).

Duas são as formas da *Cattleya harrisoniana* nesse estado. As da região baixa, ou seja, quase ao nível do mar, vegetando a pouca altura, nas árvores e arbustos, nos terrenos alagadiços das várzeas, e as da região alta, que vão de 200 a 600 metros ou mais. As primeiras têm uma tendência para um lilás claro, enquanto as segundas são destaque pelo lilás forte ou intenso (as mais escuras receberam nome de var. Batem). Existe, entretanto, uma outra *Cattleya harrisoniana* de labelo

riscado, praticamente extinta em seu ambiente de dispersão e exclusiva da montanha espirito-santense. Já foi aventada a hipótese de ser um híbrido natural com a *Cattleya schilleriana*, mas absolutamente não procede, principalmente ao verificar-se o labelo, idêntico ao da *C. harrisoniana*, diferente do dominante (em primeira geração) da *C. schilleriana*, que tem forma de leque. A planta dessa espécie apresenta um colorido ligeiramente avermelhado, que aparece também em *C. guttata* e até em *C. schofieldiana*. Em fotos comparativas pode-se notar tal diferença.

Cattleya leopoldii

O interessante dessa planta é que aparece no norte do Espírito Santo, mais intensamente no sul da Bahia e, num longo pulo, no Rio Grande do Sul. O que chama mais atenção é a intensidade das pétalas e sépalas, numa mistura de marrom e vermelho, em coloração acentuada e de grande destaque. As flores, por vezes, lembram bonitas *C. schillerianas*, enquanto as plantas, em si, podem ser confundidas com *C. guttata*.

Cattleya schofieldiana

Ela começa a aparecer mais para o interior, de 100 a 200 metros de altitude, procurando as margens dos rios, numa busca de mais umidade. As plantas são muito próximas das *C. guttatas*, destas se diferenciando, mais pelas folhas (compridas e não compactas ou arredondadas). Em ambiente idêntico ou aproximado, por vezes torna-se bem difícil separá-la (sem flor) da *C. guttata* ou mesmo *C. velutina*. São as maiores das flores das bifoliadas (pseudobulbos encimados por duas folhas), e as variações ou mesmo variedades são muitas. Os coloridos, quer das pétalas e sépalas, quer dos labelos, são muito variados, dando nuances altamente atrativas.

Convém lembrar que a *Cattleya schofieldiana* é inteiramente diversa da *Cattleya granulosa* (do Nordeste). O porte das plantas, as flores e a própria apresentação são divergentes. A *C. granulosa* apresenta a maioria das flores, lisas, em contraste com a *C. schofieldiana*, onde o pintalgado é mais intenso e constante. Flor lisa de *C. schofieldiana*, é raríssimo. No Nordeste a *C. granulosa* é encontrada em baixas altitudes, o que quase nunca acontece com a *C. schofieldiana*, que atinge altitudes próximas dos

800 metros. Devido ao ambiente de vegetação podem acontecer modificações no colorido da própria planta. Possivelmente a influência da umidade possa acarretar isto. As de região mais seca são sempre de uma cor verde-amarelada, enquanto as de montanha tendem para o verde intenso.

Cattleya velutina

Ela é do Espírito Santo, mas já vegetou em São Paulo e redondezas. É uma flor diferente. Amarelada, com labelo quase em leque (branco com veias lilás-avermelhadas). Começa a aparecer acima de 400 metros e chega praticamente a 1000 metros. O ponto ideal oscila entre 600 e 800 metros. É uma planta muito sensível, embora pareçam gigantes, como as *C. schofieldianas* e *C. guttatas*, e de difícil trato em orquidários. É até exigente na reprodução assimbiótica. Ela e a *C. schilleriana* são as de maior dificuldade de germinação e desenvolvimento na natureza. Nos "hospedeiros", antigamente, eram encontrados apenas uns poucos exemplares (entre um e 20, no máximo), o que não ocorria, ou ocorre, com as demais espécies. As variedades quase não existem, havendo poucas mudanças nas pétalas e sépalas e mesmo nos labelos.

Não só a *Cattleya velutina* e a *Cattleya schilleriana* estão praticamente extintas em seu habitat, mas também a grande maioria das espécies de orquídeas, pois as matas foram derrubadas e queimadas, transformando-as em cinzas. Restam umas poucas "reservas" e os orquidários, com os colecionadores e produtores, dando continuidade ao trabalho da natureza. ▼



Cattleya schofieldiana (tipo)

Mesa de aclimação
aberta para mostrar
os coletivos



Aclimação de mudas retiradas de frascos

Por Antonio Maria Cais Freschi

As plantas que se encontram em frascos (*in vitro*) estão num ambiente bastante confortável, onde têm disponíveis nutrientes, luz, calor e umidade em condições ideais, podendo ser comparadas a uma criança que está no útero. Essas plantas, estando nessas condições, são muito delicadas, sendo necessários cuidados especiais para sua adaptação no local que vão viver e crescer.

A umidade relativa é muito alta, por volta de 100%. Quando o frasco é aberto e as plantas são colocadas em coletivos, elas vão ser aclimatadas e crescer em uma estufa, onde a umidade relativa é muito mais baixa, o que pode ser muito prejudicial às plantas nos primeiros dias na condição *ex vitro*. Certas medidas devem ser tomadas para que elas

se acostumem gradativamente ao novo ambiente, evitando-se folhas queimadas por desidratação, doenças ou mesmo morte de plantas. As plantas têm de ser "rustificadas" (ficar com folhas mais endurecidas e com o limbo foliar mais lignificado, diminuindo a perda de água). É necessário também um tempo (na minha experiência mais ou menos 20 dias) para que os estômatos das folhas (estruturas que permitem trocas gasosas com o ambiente e permitem também perda de água) se acostumem a abrir e fechar conforme o ambiente solicite - em umidade relativa baixa eles se fecham e com umidade relativa alta eles se abrem. Essa fase de aclimação é crítica porque os estômatos em plantas *in vitro* estão permanentemente abertos e demandam vários dias para que se tornem funcionais e regulem a perda de água e a

Abstract:

Sucessfully transplanting young seedlings from flasks, to the much dryer environment encountered in community pots and trays, poses a challenge to any professional or amateur orchidist. Antonio Maria Freschi owns and runs a sucessful laboratory and nursery in Rio Claro, in the state of São Paulo. In his article, he tells us some of the secrets of obtaining high survival ratios for this crucial step in orchid production.



Estufa de crescimento de seedlings

troca gasosa. Também nestes dias iniciais *ex vitro*, as plantas começam a fabricar sua própria glicose (as plantas *in vitro* retiram a glicose do açúcar que é colocado no meio da cultura). Quando saem do frasco e vão para o substrato, o açúcar não mais se encontra disponível e elas têm de acionar todo seu mecanismo fotossintético para começar a fabricar sua própria glicose, obtendo assim energia para que todos seus mecanismos bioquímicos funcionem.

Em vista do exposto acima, recomenda-se que suas plantas sejam aclimatadas em local sombreado, fresco, livre de correntes de ar e com umidade relativa alta (de 80 a 90% inicialmente). Para isso muitos usam os estufins (caixa de alvenaria com pequenas aberturas para permitir alguma ventilação, com uma tampa superior de vidro para permitir a penetração de luz). Outros colocam um saquinho plástico translúcido (com furos) sobre o vaso coletivo, aumentando aos poucos os furos do plástico e permitindo as plantas irem se acostumando aos poucos à umidade mais baixa.

A estufa em que trabalho - e onde aclimato minhas plantas em coletivos - é coberta no seu exterior por sombrite 60% e plástico leitoso. Abaixo do plástico existe outro sombrite de 60% que resulta em um ambiente bastante sombreado ao nível das mesas. A

mesa onde coloco os coletivos é coberta com plástico, e sobre o plástico coloquei uma camada fina de turfa (pode ser xaxim em pó) que, molhada, ajuda muito a manter a umidade nesse local. Quando os coletivos vão começar a ser feitos, rega-se bem essa camada de turfa. Minha mesa tem pequenos alongamentos de ferro de cerca de 25cm, o que permite que eu coloque uma lâmina de plástico leitoso por sobre a mesa, formando um túnel de plástico, tendo de vão entre a mesa (onde vão os coletivos) e o topo (onde está a lâmina de plástico) mais ou menos 25cm. As laterais da mesa também são fechadas com o mesmo plástico leitoso preso às laterais da mesa. Esse conjunto me dá um ambiente sombreado, úmido e com uma temperatura razoável. Eu abro esse plástico uma vez por semana para ver as plantas como estão em relação à umidade no substrato, doenças que tenham porventura aparecido, e também pulverizar as plantas com uma solução nutritiva.

É muito importante assinalar que o substrato para os coletivos tem de ser estéril ou esterilizado. Após mais ou menos 20 dias com as plantas fechadas nesse túnel de aclimação começo a abrir as laterais aos poucos, levando-se mais 20 ou 25 dias até a retirada total do plástico. Você notará que, ao se abrirem aos poucos as laterais da mesa, as gotas de condensação que se encontram no

teto de plástico começam a desaparecer, indicando diminuição gradativa da umidade relativa. Para se acompanhar com acuidade esse processo pode-se usar um higrômetro, que lhe dará, a qualquer tempo, a quantas anda esta umidade relativa interna do túnel. No início de minha experiência de aclimação de coletivos usei bastante o higrômetro. Depois se tornou dispensável.

Após o túnel ser aberto totalmente, ainda deixo as plantas nesse ambiente sombreado por mais um mês, sendo que a umidade relativa já é a normal da estufa. Após esse tempo levo os coletivos para um local bastante iluminado junto com *seedlings* que estão em vasos. Nesse novo local as folhas se tornam bem rústicas, vão crescer e se tornar mais redondas. A partir daí entram no regime nutricional normal que recebem todas as orquídeas nos vários estágios de tamanho - fornecendo dose homeopática de fertilizantes toda vez que são molhadas. Como minha umidade relativa local é bastante baixa, procuro manter os coletivos sempre úmidos.



Sala de crescimento

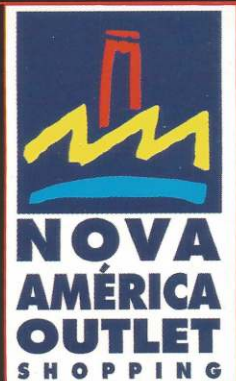
Após alguns meses essas plantas são transferidas para vasos individuais, entrando então no processo normal de produção, já fora da fase crítica que representa a aclimação. ▼

Antonio Maria Cais Freschi

Sócio-gerente de Produção da Empresa Microplanta Comércio e Produção Vegetal Ltda.
Avenida Brasil, 6666 - Rio Claro - SP
CEP 13605-600 - Tel.: (0xx19) 535-3492
Fax: (0xx19) 535-3076



Amostra de vários tipos de frascos usados no laboratório



BOM, BONITO E OUTLET.

O Nova América não é um shopping barato. Até porque, de barato já basta o conserto que fizeram no seu carro, o vinho que serviram naquela festinha do escritório e o perfume da sua vizinha fofqueira. Não, o Nova América não é barato. O Nova América é outlet. A diferença? Qualidade. Aqui, pagar pouco não é desculpa para não vender as melhores marcas e produtos do Brasil. Isto não é promessa. É contrato. Quem abre uma loja no Nova América assina um documento, comprometendo-se a vender seus produtos por preços abaixo do mercado. Quem faria um negócio destes? Levi's, Sandpiper Off, Hiper Casa & Vídeo, Vila Romana, Renner & Vicunha, Cia das Marcas by Maria Bonita, No Tag Folic e Mark Store Chocolate Loft. Enfim, estas e as melhores marcas do Brasil, por um preço muito, digamos, outlet.

L I N H A A M A R E L A S A Í D A 5 - M E T R Ô D E L C A S T I L H O